

Auê sobre *O Segundo Sexo**

Sylvie Chaperon**

Jamais uma obra escrita por uma mulher para mulheres suscitara tamanho debate. *O Segundo Sexo*, publicado em 1949, abre longa e áspera polêmica que mobiliza intelectuais de renome: François Mauriac, Julien Benda, Roger Nimier, Julien Gracq, Thierry Maulnier, Emmanuel Mounier, para citar apenas os de maior prestígio. *Le Figaro*, *Le Monde*, *La Croix*, revistas literárias ou filosóficas como *Esprit*, *La Nef*, *Combat*, *Les Temps Modernes*, é claro, mas também *Les Lettres Françaises* e *La Nouvelle Critique*, todas consagram algumas páginas a um debate que se tornara nacional. Uma enchente de correspondência invade a caixa de correio de Simone de Beauvoir, que também tem que enfrentar reações de hostilidade em lugares públicos. Em cartas ou discussões, as palavras são às vezes cruas; conhecemos as de François Mauriac ao se dirigir a um colaborador dos *Temps Modernes* para queixar-se de ter “aprendido tudo sobre a vagina de sua patroa”.¹

Simone de Beauvoir não é, porém, uma desconhecida, nem do grande público nem, muito menos, dos críticos literários. Seu primeiro romance, *A convidada*, publicado em 1943, tinha se beneficiado de certa estima nos meios críticos. Em 1949, sua notoriedade é real, enquanto co-fundadora de *Les Temps*

* Este artigo foi publicado em BARD, Chistine. (org.) *Un siècle d'antifeminisme*. Paris, Librairie Arthème Fayard, 1999. (Tradução: Plínio Dentzien; Revisão: Mariza Corrêa.) Agradecemos à Librairie Arthème Fayard a autorização para traduzir este artigo.

** Université de Toulouse 2, França.

¹ Citado por BEAUVOIR, Simone de. *La Force des choses*. Paris, Gallimard, 1963, p.260. Agradeço a Philippa Davies que me informou de numerosas fontes para o estudo da recepção imediata a *O Segundo Sexo*.

Auê sobre *O Segundo Sexo*

Modernes, onde assina diversos artigos, mas também por seus vários escritos: peça de teatro (*Les bouches inutiles*, 1945); ensaios (*Pyrrhus et Cinéas*, 1944; *Le Sang des autres*, 1945; *Tous les hommes sont mortels*, 1946; *Pour une morale de l'ambiguïté*, 1947); ou crônicas (*L'Amérique au jour le jour*, 1948). Sua celebridade vem acima de tudo de sua relação com Sartre, que atingia os píncaros da glória. A “*Grande Sartreuse*” ou “*Notre-Dame de Sartre*”, como a chamam os jornalistas do *Samedi Soir*, é muitas vezes reduzida a uma fiel discípula do existencialismo.

“Um livro muito lido, mal lido e mal compreendido”

(Colette Audry)

A polêmica que acolhe estrondosamente a publicação de *O Segundo Sexo* seria uma reação anti-feminista contra a feminista Simone de Beauvoir? À primeira vista, não parece ser o caso. Simone de Beauvoir é acima de tudo uma intelectual, uma filósofa, e não hesita em referir-se, desde a introdução, à “querela do feminismo”. A comunista Jeannette Prenant afirma aliás o caráter reacionário do livro apesar de seu verniz revolucionário, e o censura por afirmar sem nuances que as mulheres nada “ganham senão o que os homens lhes quiseram conceder”, sua ação “nunca tendo sido mais que uma agitação simbólica.”² Para Simone de Beauvoir, a escrita de *O Segundo Sexo* não foi mais que uma primeira etapa em direção a sua adesão ao feminismo. As reações que seu ensaio provoca, e que a surpreendem, e os testemunhos de milhares de mulheres que lhe escrevem em seguida, constituem a segunda. Ela não se definirá como feminista antes dos anos 60.

As organizações femininas e feministas não dizem nada da polêmica. A União das Mulheres Francesas, comunista, permanece em silêncio, o que contrasta singularmente com a

² PRENANT, Jeannette. Les trois “K” de la démocratie occidentale. À propos de Simone de Beauvoir et de quelques autres. *Nouvelle Critique*, n° 25, abril 1951, pp.32-44.

mobilização dos intelectuais comunistas. Única exceção, o Movimento das Mulheres Jovens, que dedica um longo artigo à questão em seu boletim.³ E não por acaso: ele faz parte do movimento dos reformadores protestantes inspirados por Karl Barth, que nessa época se interroga sobre o casal e o amor. Organizado após a guerra, o movimento agrupa, como seu nome indica, as jovens gerações femininas, que se aproximam das questões sexuais com muito menos reticências que a velha geração feminista.

São principalmente os meios intelectuais e políticos que se confrontam em torno do ensaio de Simone de Beauvoir. A posição hegemônica ocupada por Sartre e o existencialismo desde a Libertação explica em parte a amplitude dos debates.⁴ Muitos dos rancores pessoais contra a arrogância do filósofo se exprimem nessa ocasião. Sartre criticara ferozmente François Mauriac. Simone de Beauvoir, por ser sua companheira, mas principalmente por fazer pose de intelectual existencialista, tão engajada quanto Sartre, sofre os mesmos ataques. *O Segundo Sexo* não deixa de desferir flechas venenosas contra autores já espicaçados por Sartre: François Mauriac (e Claude Mauriac, seu filho), Julien Benda, Montherlant, etc. De certa maneira, *O Segundo Sexo* enfrenta os mesmos ataques que as obras de Sartre: os mesmos autores, as mesmas revistas, os mesmos campos políticos, mas também os mesmos amigos se reencontram nos dois casos.

O caso de *O Segundo Sexo* também está ligado ao clima da guerra fria. O processo Kravchenko, que opõe *Les Lettres Françaises* ao autor de *Escolhi a Liberdade*, o apelo de Malraux aos intelectuais e as “batalhas do livro” dos militantes comunistas, dividem os meios intelectuais. Mas *Les Temps Modernes*, assim como *Combat*, *Franc-Tireur* ou *Esprit*, pretendem neutralidade e

³ Ver RICHARD-MOLARD. *Le Deuxième Sexe. Jeunes Femmes*, n° 2, janeiro de 1950.

⁴ BOSCHETTI, Anna. *Sartre et Les Temps Modernes*. Paris, Minuit, 1985.

Auê sobre *O Segundo Sexo*

denunciam tanto a segregação e o racismo nos Estados Unidos quanto os *gulags* na União Soviética. Sartre está tentando nesse momento a aventura da União Democrática Revolucionária, que se apresenta como terceira via entre os dois campos. Os existencialistas são pois violentamente atacados pelos dois lados.

Entre os mais ferozes adversários de *O Segundo Sexo*, que utilizam a ironia e a distorção para invalidar uma obra cujas teses não podem discutir honestamente, se encontram ao mesmo tempo a direita católica e gaulista e a esquerda comunista. A primeira é sobretudo encarnada por François e Claude Mauriac, *Le Figaro* e *Le Figaro Littéraire*, mas também por Roger Nimier e Pierre de Boisdeffre, colaboradores de *Liberté de l'esprit*, revista gaulista fundada em fevereiro de 1949, dirigida por Claude Mauriac e patrocinada por André Malraux.

A esquerda comunista se expressa através de *Les Lettres Françaises*. Essa publicação, dirigida por Louis Aragon e Pierre Daix, é de longe a mais prestigiada e a mais lida (tiragem de aproximadamente 70 mil exemplares). Órgão do Conselho Nacional dos Escritores, que presidira a depuração cultural, ela se tornou, por expulsões e demissões, porta-voz do Partido Comunista Francês. *La Nouvelle Critique*, nascida em dezembro de 1948, ainda que muito menos difundida, é o laboratório da ortodoxia comunista em questões de estética e cultura. Jean Kanapa, Marie-Louise Barron, Jeannette Prenant utilizam cada um desses dois instrumentos. Dominique Desanti, sondada para refutar Beauvoir, abre mão da tarefa pretextando que as mães é que a devem realizar.

Do lado dos aliados, nota-se o apoio reservado dos cristãos progressistas de *Esprit* (Emmanuel Mounier, fundador da revista, e Jean-Marie Domenach, redator-chefe) e de *Réforme*, revista protestante próxima da nova teologia de Barth. Os colaboradores de *Les Temps Modernes* ou os amigos de Sartre e de Beauvoir, como Jean Cau, Jean Pouillon e Maurice Nadeau, dão seu apoio incondicional. Entre seus próximos, Colette Audry defende o livro com muito ardor, já que ela mesma teria desejado escrever sobre

a injustiça contra as mulheres, e publica importante resenha em *Combat*.⁵ *O Segundo Sexo* recebe também o apoio de jovens intelectuais como o historiador Pierre Vidal-Naquet, Françoise d'Eaubonne, jovem romancista, e Dominique Aury. Diversas revistas que recusam o *diktat* da bipolarização, como *Critique*, *Contemporain* e *Franc-Tireur*, entram por sua vez na confusão.

No começo, a mobilização contra *O Segundo Sexo* toma os ares de cruzada pela moralidade da cultura e da literatura. O tom é dado por Mauriac na primeira página do *Figaro*: a literatura de Saint-Germain-des-Prés, alarma-se, “atingiu os limites da abjeção.” Ele propõe abrir debate sobre a seguinte questão: “Será que o recurso sistemático, nas *Lettres*, às forças instintivas e à demência, e a exploração do erotismo que favorece, constituem um perigo para o indivíduo, para a nação e para a própria literatura, e que certos homens e certas doutrinas são os responsáveis por isso?”⁶

Mauriac abre então suas colunas do *Figaro littéraire* aos jovens intelectuais cristãos, que, no fim das contas, pouca água levam a seu moinho. No primeiro momento, os artigos seguem a enquete e seus propósitos. Os discursos vilipendiam a literatura da abjeção, da náusea, da podridão... “O espírito de Saint-Germain-des-Prés”, Vian, Genet, Jouhandeau, Miller, Sartre, mas também Breton e os surrealistas são os mais visados. Malraux, Bernanos e Claudel aparecem como antídoto. Outra coisa não diz Kanapa em *La Nouvelle Critique*⁷, onde demonstra que os comunistas são os únicos verdadeiros baluartes da cultura nacional e que foram os primeiros a reagir contra a decadência da literatura.

⁵ AUDRY, Colette. *Le Deuxième Sexe* et la Presse. Livre très lu, mal lu et mal compris. *Combat*, 22 de dezembro de 1949.

⁶ MAURIAC, François. Demande d'enquête. *Le Figaro*, 30 de maio de 1949.

⁷ KANAPA, Jean. À propos d'une enquête sur l'abjection, les communistes ont un plan, réponse à M. Pierre Néraud de Boisdeffre. *La Nouvelle Critique*, n° 8, julho-agosto, 1949.

Auê sobre *O Segundo Sexo*

Uns e outros disputam o apoio dos cristãos progressistas. Pierre de Boisdeffre ironiza os “doces sonhadores de *Esprit*, presas de progressismo incontrolável e beato”, que “se benzem ao menor discurso de Thorez, (...) se entorpecem no café de Flore e sonham à noite com Simone de Beauvoir.”⁸ Jean Kanapa por sua vez procura convencer os jovens cristãos a engrossar as fileiras dos comunistas, únicos portadores da esperança, mas também critica Domenach e Mounier pelo apoio que dão aos corrompidos existencialistas.

Mauriac deplora a omissão dos cristãos:

Que a literatura não cristã seja irresistivelmente atraída pela sexualidade, que ceda a esse peso da carne que se opõe à Graça, isso faz parte da ordem das coisas e não nos deve surpreender. Mas a ausência de um contrapeso cristão, eis a desgraça, o escândalo, a vergonha.

Diversas críticas se limitam às análises de Beauvoir sobre a literatura (Montherlant, Breton, Stendhal, Claudel). Face às questões literárias, as questões femininas parecem esquecidas.

A sexualidade no centro dos debates

Por ser escrito por uma mulher e para mulheres, *O Segundo Sexo* levanta contestações irredutíveis às clivagens habituais dos meios intelectuais. Assim, dois adversários de Sartre, Thierry Maulnier e Marcel Thiébaud, defendem Simone de Beauvoir. Uma revista como *La Nef* se divide, dando espaço tanto a Armand Hoog, que menospreza o livro, quanto a Francine Beris, uma entusiasta. *Réforme* também publica opiniões divergentes, a de um homem, incondicional – que se desculpa de ser homem – e a de uma mulher, muito mais reservada.

⁸ BOISDEFRE, Pierre de. Témoignages en marge d'une enquête. *Liberté de l'Esprit*, n° 6, junho 1949.

Os argumentos empregados por uns e outros se referem sobretudo a temas pouco discutidos em público: a sexualidade, a maternidade, as identidades sexuais. A hostilidade se dirige precisamente a esses temas desde o aparecimento, na primavera de 1949, em *Les Temps Modernes*, dos artigos de Simone de Beauvoir sobre “A iniciação sexual da mulher”, “A lésbica” e “A maternidade”, que serão retomados nos dois volumes de *O Segundo Sexo: Fatos e Mitos e A Experiência Vivida*. Se as passagens dedicadas à análise literária recebem acolhida favorável, o mesmo não se dá naquelas que abordam sem tabus as experiências sexuais femininas ou desmistificam a maternidade.

Na enquete do *Figaro littéraire*, François Mauriac visava diretamente a Simone de Beauvoir: “Estaria a iniciação sexual da mulher no seu devido lugar no sumário de uma revista literária e filosófica séria?”, perguntava ele. A questão dividiu os intelectuais. A direita e a esquerda comunista, manejando alternadamente a invectiva e a injúria, a ironia e o sarcasmo, recusam o debate. Uma e outra deploram a invasão da literatura pelo erotismo, “Sade e seus êmulos”, e pela psicanálise (reduzida a uma tentativa de legitimação da sexualidade) que leva à imoralidade, ao culto das pulsões primárias. *O Segundo Sexo* é um “manual de egoísmo erótico,” recheado de “ousadias pornográficas”; não passa de “uma visão erótica do universo”, um manifesto de “egoísmo sexual.” Jean Kanapa insiste: “Mas sim, pornografia. Não a boa e saudável sacanagem, nem o erotismo picante e ligeiro, mas a baixa descrição licenciosa, a obscenidade que revolta o coração.”

A polêmica mistura tudo. A contracepção e o aborto são ligados nas mesmas frases às neuroses, ao vício, à perversidade, e à homossexualidade. Segundo uma carta da enquete, “a literatura de hoje é uma literatura de esnobes, de neuróticos e de impotentes.” Claude Delmas deplora “a publicação por Simone de Beauvoir dessa enjoativa apologia da inversão sexual e do

aborto.”⁹ Pierre de Boisdeffre em *Liberté de l’esprit* assinala “o sucesso de *O Segundo Sexo* junto aos invertidos e excitados de todo tipo.” Outros optam por tom mais jocoso. Robert Kemp: “cochichava-se muito nos últimos tempos sobre dois artigos aparecidos em *Les Temps Modernes*, um deles sobre... ousemos escrevê-lo, a iniciação sexual da mulher, e o outro sobre um desvio igualmente feminino, as paixões do amor.”¹⁰ André Rousseau se declara constrangido: “eu não poderia decentemente repetir aqui todas as razões que ela alinha para protestar contra a supremacia masculina. A linguagem de caserna dá a essa reivindicação sua expressão precisa e minuciosa.”¹¹

Por-se ao lado da galhofa, manejar o humor e os trocadilhos, permite economizar a demonstração. Para o *Samedi Soir*, “como ela é uma antiga professora, seus amigos dizem que ela comete o pecado da cátedra,”¹² ou, para Marie-Louise Barron, em *Les Lettres Françaises*, “a sexualidade de Mme de Beauvoir se exprime numa linguagem tal que, a menos de atingir um interlocutor excepcionalmente dotado, ela arrisca que seu tiro, se ousar dizer, saia pela culatra.”¹³ Os cronistas jogam com os diferentes sentidos da palavra “sexo”: Armand Hoog intitula seu artigo “Madame de Beauvoir e seu sexo”¹⁴; Yves Florenne em *Le Monde* acentua a alusão: “o tema atual de que constantemente se

⁹ DELMAS, Claude. La jeunesse française en face de la vie, autour de Saint-Germain-des-Prés. *L’Epoque*, 10 de julho de 1949.

¹⁰ KEMP, Robert. Les évadés de l’existentialisme. *Les Nouvelles Littéraires*, 4 de agosto de 1949.

¹¹ ROUSSEAU, André. *Le Deuxième Sexe*. *Le Figaro Littéraire*, 12 de novembro de 1949.

¹² Anônimo. Tandis que Sartre s’enfonce dans la politique, Simone de Beauvoir décrit les affaires de lady Chatterley. *Samedi Soir*, 28 de maio de 1949. (NT: Há aqui em francês um trocadilho entre *chair* - carne e *chaire* - cátedra.)

¹³ BARRON, Marie-Louise. De Simone de Beauvoir à Amour *Digest*. Les croisés de l’émancipation par le sexe. *Les Lettres Françaises*, 23 de junho de 1949.

¹⁴ HOOG, Armand. Madame de Beauvoir et son sexe. *La Nef*, n° 56, agosto, 1949.

ocupa *Les Temps Modernes* é o que há de mais ardente: o sexo de Mme de Beauvoir.”¹⁵

Evitando discutir as teses do livro, reduzem-no ao problema pessoal e sexual de que Simone de Beauvoir sofreria. Pierre de Boisdeffre inclui na confusão Jean-Marie Domenach, que “sem rir afirma ver no pedantismo impagável dessa senhorita” uma sexualidade normal “lá onde não existe nada mais que o efeito, sobre um temperamento não muito sólido, dos ensinamentos do bom doutor Freud.”

A liberdade sexual reclamada por *O Segundo Sexo* é aproximada à licenciosidade e à libertinagem. Para André Rousseau, sempre pudico, “a liberdade reclamada por ela é acima de tudo a do prazer. E não preciso dizer a que prazer se refere.” Para Jeannette Prenant, “a liberdade se confunde com o capricho, o amor é rebaixado ao nível do instinto e da animalidade.” Marie Louise Barron, em seu artigo “Os cruzados da emancipação pelo sexo”, resume: “Em suma, e na medida em que posso entender alguma coisa, tendo decidido emancipar a mulher (...), Mme de Beauvoir compõe para esse fim louvável um pequeno compêndio de educação sexual.”

De seu lado, os que tomam a defesa de Simone de Beauvoir recusam a ironia fácil. Reivindicam que a sexualidade se torne um domínio de saber e de investigação. Colette Audry não vê por que deva permanecer “tema tabu para o pensamento reflexivo.” Françoise d’Eaubonne, em sua habitual franqueza, finge interrogação em sua resposta a Mauriac:

Por que o erotismo é o bicho-papão da intelligentsia católica? (...) Como pessoas inteligentes não conseguem compreender que o terror teológico da carne está ultrapassado desde Matusalém?¹⁶

¹⁵ FLORENNE, Yves. Tentations et limites de l’esprit encyclopédique. *Le Monde*, 14 de setembro de 1949.

¹⁶ *Le Figaro littéraire*, 23 de julho de 1949.

Auê sobre *O Segundo Sexo*

Jean-Marie Domenach declara seu respeito pelo “movimento que leva hoje certas filosofias e certas literaturas ao estudo direto dos problemas sexuais.”¹⁷

A amplitude da controvérsia não deriva do fato de que se fale ou não da sexualidade, mas de que uma mulher o faça, sem complexos nem meias palavras. Para Dominique Aury,

quando uma mulher discute longamente e em termos ditos científicos a física do amor ela ameaça o mais grave dos tabus, ela viola ao mesmo tempo as regras do pudor e as da boa educação.¹⁸

Maurice Nadeau se refere aos que “não conseguem se livrar de um certo malestar quanto veem uma mulher, ainda que uma filósofa, falar abertamente “das coisas do sexo”.”¹⁹

Os defensores de *O Segundo Sexo* dissociam os problemas confundidos pelos outros. Maurice Nadeau sublinha a dominação sofrida pela mulher na sexualidade: “Ela é preparada para tornar-se um objeto erótico para ser usado mais tarde pelo macho, que não queremos imaginar senão enquanto marido.” Outros retomam o argumento sobre o aborto, como Jane Albert-Hesse, que diz que Simone de Beauvoir “denuncia mais fortemente que qualquer outro a hipocrisia de uma sociedade onde o aborto é crime, e [que] ela apresenta a única análise satisfatória da maternidade e de sua significação.”²⁰ Mas esses temas, muito polêmicos, são pouco tocados no conjunto.

¹⁷ *Le Figaro littéraire*, 25 de junho de 1949.

¹⁸ AURY, Dominique. *Le Visage de Méduse. Contemporains*, n° 2, dezembro, 1950, pp.188-195.

¹⁹ NADEAU, Maurice. *Le Deuxième Sexe. Mercure de France*, novembro, 1949, pp.497-501.

²⁰ ALBERT-HESSE, Jane. *Esclave, victime, complice? C'est toute la condition de la femme que traite Simone de Beauvoir avec Le Deuxième Sexe. Franc Tireur*, 3 de novembro de 1949.

Os adversários de *O Segundo Sexo* se insurgem em nome do casal e do amor, a que não deixam de atribuir certo tom místico. Yves Florenne, comentando em *Le Monde* o primeiro volume da *Dogmatique* de Karl Barth, defende a perfeição do amor conjugal:

Ou bem homem e mulher são dois seres acidentais, perfeitamente estranhos um ao outro, incoerentes, inexistentes. Ou bem são as (...) partes de um único ser exilado de si mesmo, cuja natureza e destino são o reencontro em si na harmonia do plano divino.²¹

Ao que responde Colette Audry: “Os esposos, independente do que façam, são sempre dois corpos distintos e duas consciências, o que constitui toda a questão.” André Rousseau, por sua vez, moraliza: “Como fazer com que [a mulher] compreenda que é o dom de si que constitui o enriquecimento infinito?” e, como seria de se esperar, acrescenta que “a mulher, mais dotada pela natureza que o homem é mais responsável que ele por essa riqueza que tem qualquer coisa de sagrado.” Para Pierre Loewel, é claro que a libertação das mulheres supõe a destruição da família, como prometera a revolução soviética: “Casamento e divórcio por consentimento mútuo, liberdade da maternidade pelo *birth control* e pelo aborto, educação das crianças pela coletividade.”²² Enquanto que Jeannette Prenant, como que respondendo, idealiza as famílias operárias, onde os pais

não se encontram somente na cama, mas em torno dos mesmos livros, junto às mesmas crianças, (...) tratando em comum de suas preocupações, de suas esperanças e defendendo seu destino ao bater-se pela paz.

²¹ FLORENNE, Yves. Création de la femme. *Le Monde*, 14 de janeiro de 1950.

²² LOEWEL, Pierre. *Le Deuxième Sexe*, ou le traité des femmes. *Aurore*, 10 de novembro de 1949.

Do feminismo como anátema

Há os que não hesitam em qualificar a argumentação de Beauvoir de “feminista”, o que basta para condená-la. Para Armand Hoog, “Mme Simone de Beauvoir, muito mais culta sem dúvida que as outras senhoras feministas, simplesmente dá uma nova formulação filosófica ao velho sonho *suffragette*.”²³ Simone de Beauvoir é uma “amazona existencialista”, adepta de um “feminismo negro.” Segundo Jeannette Prenant ela cerra fileiras com as “*suffragettes* da sexualidade.” Os comentadores, porém, assinalam que não são hostis às mulheres nem à sua emancipação. André Rousseau explica: “Para mim, que não considero as mulheres inferiores, é penoso imaginar que foi uma delas que escreveu um capítulo desta obra como “A iniciação sexual”.” Pierre Loewel sublinha o caráter obsoleto da reflexão de Beauvoir, “ultrapassada pela independência que as mulheres já conquistaram” e se pergunta, com Maurice Toesca, “se não nos encaminhamos para um regime de feminocracia, para não dizer ginecocracia.”²⁴

Os partidários d’*O Segundo Sexo*, ao contrário, evitam situar Simone de Beauvoir do lado das feministas. Jane Albert-Hesse apenas ousa mencionar o termo, e entre muitas aspas. Essa causa já parece perdida e prejudicaria sua vontade de aparecer como advogados da obra. Na maioria dos casos, ignoram essa referência embaraçosa, para insistir nas competências de Beauvoir. Chamam-na de “a filósofa”, demonstram que ela domina os saberes mais atualizados e completos sobre a questão – a biologia, a psicanálise, o materialismo histórico, a antropologia, a história, a literatura, a filosofia, etc. – e concluem com a natureza enciclopédica da obra, qualificada de exaustivo tratado. Apresentam-na assim como uma especialista. Maurice Nadeau,

²³ HOOG, Armand. Mme de Beauvoir et son sexe. *La Nef*, op. cit.

²⁴ Maurice Toesca é autor de um livro do mesmo ano, intitulado *La question des femmes*. Mulhouse, Paris, Lausanne, Bader Dufour, 1949, 236 p.

indo mais longe, dissocia Beauvoir do feminismo, pois “ela abre horizontes mais amplos que as habituais reivindicações feministas palavrosas e ineficazes.”

Denunciar ou negar a relação de dominação?

Os opositores de Beauvoir negam a relação de dominação que existe entre os sexos. André Rousseau acha risível comparar a situação das mulheres a uma dominação social como a que sofrem os negros. O recurso à ironia, outra vez, vale como refutação: “Eis porque vossa filha se destina à servidão em que mantivestes vossa mulher, a menos que a moral existencialista a resgate.”

Nas mais das vezes, seus discursos refletem um pensamento naturalista. Para Pierre Loewel, o princípio segundo o qual “não se nasce mulher, torna-se mulher” é anulado pelos capítulos de Beauvoir sobre a fisiologia, que são

a parte mais poderosa de sua obra, ao estabelecer com força referências de que a mulher, do nascimento ao casamento, do casamento à maternidade, da maternidade à menopausa é constitucionalmente a eterna prejudicada de que fala Michelet.

A seus olhos,

não haverá equivalência absoluta entre os sexos até o dia em que não se diferenciem mais um do outro e em que, por certos progressos científicos, a mulher tiver superado seus fantasmas sexuais e suas servidões fisiológicas, mas isso nos leva ao romance de Aldous Huxley.

Isto é, se há alguma servidão, ela deriva da própria natureza feminina. Negar essa evidência biológica, como faz Simone de Beauvoir, é pura loucura. Contestá-la é demonstrar sua inadaptação pessoal a uma regra intangível.

Auê sobre *O Segundo Sexo*

Segundo Armand Hoog,

seu desejo de libertação é antes de tudo um estranho e insuportável sentimento de servidão. Mas, enfim, Mme Simone de Beauvoir nasceu mulher, e não vejo muito bem o que poderá mudar. Singular complexo que se recusa a colocar o problema em termos de destino humano. Mas o destino não se deixa negar. Mme Simone de Beauvoir busca sua libertação numa recusa sem esperanças de si mesma.

Ele insiste ainda sobre a simetria que domina a relação entre os sexos:

Mas que? Essa alteridade expressa simplesmente isto: que as mulheres se sentem *outras* em relação aos homens e os homens *outros* em relação a elas. E *O Segundo Sexo* é aquele que se quiser ou, antes, aquele a que não se pertence.

Armand Pierhal adota um naturalismo mais animalesco.

O macho, ao contrário do que parece pensar Mme de Beauvoir, em geral não menospreza a fêmea (veja os animais!). Ele a considera diferente de si, o que não é a mesma coisa. (...) Mme de Beauvoir recusa esse preço e essa atração que deveria só a seu sexo. Está no seu direito enquanto pessoa (...) mas não enquanto filósofa.

Trata-se pois de escritora “pessoal demais para fazer boa filosofia.”²⁵

Julien Benda apresenta uma visão erótica desse naturalismo quando afirma que “a biologia comanda a sociologia.” Basta

²⁵ PIERHAL, Armand. *Littérateurs et philosophes. La Croix*, 27-28, novembro, 1949.

olhar o corpo de um homem e o corpo de uma mulher para aprender o destino de cada um deles:

Busca-se o que querem dizer esses seios que apontam à amamentação, esses flancos feitos para receber, essas formas feitas para perturbar se não forem tomadas e fecundadas (...) Junte-se (...) suas ancas erguidas como que se oferecendo a ser tomadas.

Em uma palavra, trata-se

de um lugar do amor e de uma máquina de reprodução (...) O homem se pensa sem a mulher. Ela não se pensa sem o homem (...) Isso tudo é muito injusto, mas a natureza zomba da justiça e seus decretos parecem aqui sem apelação.²⁶

Retoma, de fato, palavra por palavra seu ensaio precedente, sem ao menos notar a crítica de Simone de Beauvoir que vira, em seu capítulo sobre “Os sexos”, o exemplo de uma concepção belicosa das relações amorosas.²⁷

Do outro lado, os defensores de *O Segundo Sexo* recusam a explicação naturalista, mas não sem ambigüidade: a própria Simone de Beauvoir hesita algumas vezes²⁸, como nota Emmanuel Mounier. No conjunto, retomam a terminologia existencialista para descrever a relação social entre os sexos: o Um e o Outro, a imanência e a transcendência, ou ainda a relação sujeito-objeto. Mas também evocam outros modelos de dominação social, em particular a servidão e a escravidão, ou

²⁶ BENDA, Julien. Situation de la femme. *La Nef*, n° 49-50/60-61, dezembro 1949/janeiro 1950.

²⁷ *Le Rapport d'Uriel*. Flammarion, 1946; *Le Deuxième Sexe*, Paris, Gallimard, 1949, tomo 1, p.39.

²⁸ CHAPERON, Sylvie. La deuxième Simone de Beauvoir. *Les Temps Modernes*, n° 593, abril-maio 1997, pp.112-143.

Auê sobre *O Segundo Sexo*

ainda o racismo e o anti-semitismo. Para Francine Beris, “a resposta da existencialista Simone de Beauvoir é clara: nenhum ser humano deve se oprimido ao nascer, seja negro, judeu, proletário ou mulher.”²⁹ Colette Audry observa:

Nenhum dos que se assombram ainda em nossos dias com que a mulher possa se queixar de certa servidão parece ter se perguntado seriamente apenas uma vez: “Que diria eu, que experimentaria, se me fosse anunciado que seria transformado em mulher?” A questão pertence para eles ao domínio do impensável e isso diz bastante.

Quanto aos comunistas, reivindicam com exclusividade a autêntica “libertação das mulheres.” Jeannette Prenant mistura Beauvoir com o relatório Kinsey, com a psicanálise (a revista *Psyché*, Maryse Choisy, o doutor Berge, Helen Deutsch), às revistas femininas (*Confidences*, *Elle*, *Marie-France*) que procuram desviar

as mulheres da luta comum, obscurecendo as causas reais de seu descontentamento, fazendo-as esperar uma saída individual, apresentando-lhes uma falsa libertação que finalmente as desanima, as mutila e as conduz à solidão e à derrota.

Para ela, o erro de Simone de Beauvoir consiste em acreditar que “o opressor é o macho”, e portanto em ignorar que “a luta dos trabalhadores e das mulheres é a mesma.” Segundo uma estratégia bem conhecida, ela põe Simone de Beauvoir do lado da burguesia, uma vez que ela “se dirige a um meio restrito, ao meio a que pertence, às mulheres da pequena burguesia.” O aborto se torna uma arma contra a classe operária e serve como substituto à luta contra a miséria (“Simone de Beauvoir não propõe outro

²⁹ BERIS, Francine. Simone de Beauvoir et *Le Deuxième Sexe*. *La Nef*. Op. cit, pp.92-94.

remédio para a mortalidade infantil que a generalização do aborto”). O que lhe permite afirmar para concluir que apenas os comunistas apresentam “aquela verdadeira libertação da mulher que só é possível sob o socialismo.”

Historicamente, *O Segundo Sexo* abriu o debate sobre a sexualidade: o “pessoal” pode se tornar político. O partido comunista e a direita tradicional não se enganaram, portanto. Ridicularizaram e condenaram, mas fugiram à discussão. Longe das mulheres e de seus temores, longe da gravidez indesejada e das sexualidades saqueadas, dissertam sobre a moral e a literatura. A grandeza da nação, a família, o amor ou a classe operária são os protagonistas de seus discursos desencarnados. Em conjunto, recusam que uma palavra crítica de mulher penetre no espaço público onde se debatem as verdadeiras questões da cidade. Trata-se de nada menos que definir o que pode ou não adquirir o estatuto de político, ou pelo menos de social, isto é, que possa ser debatido coletivamente.

Por trás de *O Segundo Sexo* se reúne pequena trupe, pouco numerosa no começo, mas que aumentará ao longo dos anos. Desde 1951, Françoise d’Eaubonne aplaude o raiar desse novo “feminismo beauvoiriano.”³⁰ *O Segundo Sexo* marca a emergência de um novo feminismo ainda balbuciante, a que se opõe a aliança firme e durável dos católicos tradicionais e dos comunistas ortodoxos. O debate voltará alguns anos mais tarde, com a fundação da Maternidade Feliz, futura antena francesa do planejamento familiar. As mesmas famílias intelectuais e ideológicas se enfrentarão, mas os partidários da liberação da contracepção já serão majoritários.

³⁰ Em *Le Complexe de Diane*. Paris, Julliard, 1951.